

UMA INTERPRETAÇÃO DO CONTO ‘UMA VELA PARA DARIO’ DE DALTON TREVISAN PELA ADE

Ubirajara Moreira Fernandes (*Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista*)

Abstract: The main objective of this article is to show the applicability of Ecosystemic Discourse Analysis (EDA) in the analysis of literary text-discourses, illustrating with “Uma vela para Dario” by Dalton Trevisan. I intend to strictly adhere to the principles of EDA, part of the version of Ecolinguistics called Ecosystemic Linguistics. The article begins by giving an outline of the theory. Because it is a relatively new theory, many attempts to apply it end up largely using the language of other theories, such as Bakhtin's theory and that of traditional DA. Even though the prototypical text-discourse in EDA is the dialogue, it can also be used for analyzing monological text-discourses and even highly abstract ones. For this theory the most important point in a text-discourse is not of political and/or ideological nature, but the defence of life and the fight against avoidable suffering. Political ideologies are subsidiaries of ecoideology. Due to the fact that it focuses on life, it emphasizes interactions, communicative or not, in its object.

Key-words: EDA; analysis of text-discourse; interaction; defence of life; fight against avoidable suffering.

Resumo: O principal objetivo deste artigo é mostrar a aplicabilidade da Análise do Discurso Ecolinguística (ADE) na análise de textos-discursos literários, exemplificando com “Uma vela para Dario” de Dalton Trevisan. Pretendo me ater estritamente aos princípios da ADE, parte da versão da Ecolinguística chamada Linguística Ecolinguística. Por isso, começo apresentando um esboço da teoria. Por ser relativamente nova, muitas tentativas de aplicação dela acabam usando em grande parte a linguagem de outras teorias, como a teoria de Bakhtin (1981) e a das AD tradicionais. Mesmo tendo o texto-discurso dialógico como prototípico, a ADE pode debruçar-se sobre textos-discursos monológicos e até textos-discursos altamente abstratos. Para ela, o busfílis de um texto-discurso não são questões político-ideológicas, mas a defesa da vida e a luta contra o sofrimento evitável. As ideologias político-partidárias são subsidiárias da ecoideologia. Por centrar-se na vida, ela enfatiza no seu objeto as interações, comunicativas ou não.

Palavras-chave: ADE; análise de texto-discurso; interação; defesa da vida; luta contra sofrimento evitável.

1. Introdução

Esta é minha terceira incursão no domínio da Ecolinguística, mais especificamente no âmbito da parte da Linguística Ecolinguística chamada Análise do Discurso Ecolinguística. A primeira é um miniartigo, publicado em no *Boletim do GEPL* (FERNANDES 2020a). Sob forma revista e ampliada esse miniartigo foi publicado em inglês em Fernandes (2020b). Minha segunda publicação de cunho ecolinguístico é Fernandes (2021). A terceira é em parceria com Márcio M. G. Silva (SILVA; FERNANDES, 2021).

A ADE já foi objeto de todo o número anterior de *ECO-REBEL*. Os artigos que o integram já dão uma boa ideia sobre as bases teóricas e as possibilidades de aplicação da teoria. O primeiro artigo, por exemplo, é uma exposição dos princípios da teoria, em inglês (COUTO; COUTO; SILVA, 2021). No presente artigo, gostaria de voltar à questão da aplicação dela a um caso específico, mesmo porque muitos ensaios feitos presumivelmente em ADE são, na minha opinião, insatisfatórios.

A ADE é uma teoria de análise de textos-discursos relativamente jovem. Ela surgiu em 2013 e o primeiro livro dedicado a ela é de 2015. Existem também uns poucos artigos e capítulos de livros, além de dissertações de mestrado e teses de doutorado, bibliografia que pode ser vista em Couto (2020b) e no *site* da Linguística Ecolinguística, sobretudo na seção ADE e na do *site* Linguística Ecolinguística (www.ecoling.unb.br). A despeito de haver essa pouca literatura, os autores das tentativas de análise que tenho visto por aí aparentemente não a leram. Às vezes citam literatura secundária, em vez de ir às fontes primeiras. Notei que ignoram o fato de a ADE ser parte da versão da Ecolinguística chamada Linguística Ecolinguística, sendo esta última Ecologia Linguística, não Linguística Ecológica.

Por não lerem a bibliografia original pertinente, pelo menos não o demonstram em seus ensaios, muitos autores parecem pensar que usar palavras como “ecossistema”, “meio ambiente”, “ecologia”, “interação”, “diversidade” e outras faz um ensaio ser linguístico-ecossistêmico e, no caso, discursístico-ecossistêmico, um ensaio em ADE. Afora isso, muitos desses ensaios poderiam ter sido feitos em outros arcabouços teóricos e até sem arcabouço teórico nenhum; um jornalista bem-informado poderia fazer algo muito parecido. Como observou a ecolinguista chilena Celia González, “está circulando una mala versión del ADE, que lo mezclan con el AD crítico, y con la propuesta de Arran Stibbe” (comunicação pessoal).

Trocado em miúdos, esses ensaios não usam a linguagem da ADE nem a da Linguística Ecolinguística (de que ela faz parte) nem a da Ecologia, de que a Linguística Ecolinguística faz parte. Quando usam termos, conceitos e categorias presumivelmente pertencentes a essas disciplinas, com muita frequência o fazem de modo inadequado. O conceito mais usado inadequadamente é o de “ecossistema”. Várias publicações linguístico-ecossistêmicas salientam o fato de que, para sermos fiéis ao conceito original de ecossistema na Ecologia, só podemos considerar determinada situação um ecossistema se ela consistir em interações entre alguns interagentes em algum lugar. Não sendo esse o caso, quando muito se pode falar em “ecologia”, termo mais geral, como em “ecologia das línguas”.

Por esses e outros motivos, decidi fazer uma tentativa de análise, pela ADE, do conto “Uma vela para Dario”, de Dalton Trevisan, usando meu tempo livre de aposentado como professor de Literatura Brasileira e dando vazão ao meu gosto pela Ecologia, inclusive o ambientalismo, além da minha amizade com um estudioso de LE/ADE, que me pôs em contato com seu criador. Esse conto já foi objeto de análise pela ADE por Couto; Fernandes (2021), tentativa de análise que, a meu ver, contém muito pouco de ADE, como discutida na literatura original. Os capítulos teóricos são aceitáveis, mas onde se fala do conto passa-se longe do verdadeiro espírito da ADE. É preciso pôr as coisas no seu devido lugar. A minha análise do conto pode não ser a melhor possível, e não

o é. No entanto, ela procura se ater o mais fielmente possível ao âmbito epistemológico da Análise do Discurso Ecológica, usando seus conceitos e categorias bem como os da Ecologia, enfim, ele procura se manter no contexto da visão ecológica de mundo, falando a linguagem da ADE.

2. Um pouco de teoria

Não vou expor toda a teoria da Análise do Discurso Ecológica, em seus mínimos detalhes nem, muito menos, a Linguística Ecológica, como tem sido a praxe em quase todos os textos na área que tenho visto. Os princípios da LE e da ADE podem ser vistos no livro Couto; Couto; Borges (2015), em Silva (2020, 2021) e em Couto (2020b), além da literatura anterior que eles mencionam. Como já assinalado acima, Couto; Couto; Silva (2021) é um apanhado geral da teoria. Ater-me-ei aqui ao *minimum minimorum* teórico, acrescentando apenas algumas inovações propostas mais recentemente. A primeira delas consiste em que na ADE é preferível usar-se o composto “texto-discurso” em vez de apenas “discurso”. Com efeito, todo discurso tem que estar materializado em algum texto bem como todo texto contém algum discurso. Eles são as duas faces de uma mesma realidade, que é o produto da interação comunicativa, ou seja, um enunciado, aquilo que se está enunciando no processo de enunciação, no sentido de Benveniste (1989). Vale dizer, tudo se dá no contexto de uma ecologia da interação comunicativa, no sentido da Linguística Ecológica.

A segunda inovação surgiu devido ao fato de a área dos estudos sobre discurso, aliás, texto-discurso, ser uma das mais disseminadas entre todos os modelos teóricos da Linguística, sobretudo em países de língua latina. Trata-se da proposta de se usar o termo simples “discursística” em vez da locução “análise do discurso”. Em Couto (2020a, 2020b) encontra-se não só a proposta inicial do termo, mas também uma justificativa para sua adoção. Mas, como está ressaltado sobretudo no primeiro desses ensaios, dificilmente os praticantes de Análise do Discurso aceitarão substituir esta expressão por Discursística, a despeito das vantagens que isso representaria.

Nunca é demais insistir no fato de a ADE ser parte da LE, que é parte da Ecologia. Como sabemos, o conceito central desta ciência é o de ecossistema, e o conceito central e definidor do ecossistema é o de interação. Por esse motivo, no contexto do ecossistema linguístico, a língua é vista como interação (comunicativa), não como instrumento para interação (comunicativa), exatamente como no ecossistema biológico, em que interação é o conceito central. Isso tem como consequência o fato de o texto-discurso preferencial, prototípico na ADE (e na LE) ser o dialógico. No entanto, ela não exclui os demais tipos de texto-discurso. Por olhar para seu objeto holisticamente, ela pode ser usada para a análise do tipo de texto-discurso a que a AD tradicional se dedica, mas também para a de qualquer outro tipo de texto.

A despeito do fato de ter dito que não entraria em pormenores na teoria, creio que pelo menos umas quatro categorias da ADE devem ser lembradas aqui. A primeira é a defesa incondicional da vida. A segunda, a luta contra o sofrimento evitável. A terceira são as relações harmônicas, chamadas de comunhão. A quarta consiste em que o praticante de ADE pode usar todas as categorias e conceitos da Ecologia e da Linguística Ecológica. É importante ressaltar que ênfase em relações harmônicas (comunhão) não implica uma atitude à la Poliana, para a qual tudo está bem, às mil maravilhas, pois “a vida é bela”. Pelo contrário, na vida real há violências, crimes, roubos, desrespeito ao outro, insensibilidade para com seu sofrimento e falta de compaixão, como se pode ver no conto sob análise. A diferença relativamente às demais AD consiste em não partir de cara desses fatos negativos, mas agir como sugere a Análise do Discurso Positiva (MARTIN, 2004, 2006) e a filosofia de vida de Gandhi, ou seja, enfatizando o lado positivo a fim de se chegar ao negativo, ou procurando por um equilíbrio entre eles, pois constituem os dois lados de um *continuum*. Esse procedimento está representado até graficamente em Silva (2020, p. 101-102).

ECO-REBEL

Quando se fala em defesa da vida, ela é entendida em seu sentido biológico: os seres vivos nascem, crescem e morrem. Daí partir a ADE do ecossistema natural da língua: pessoas (P) de carne e osso convivendo em um lugar (T) específico e interagindo entre si pelo modo tradicional de interagir, que é sua linguagem (L). De modo geral, se parte da realidade concreta, físico-natural para, a partir dela, se chegar à dimensão mental e à social bem como às intersecções entre elas: a dimensão psicofísica e a psicossocial. No caso do conto a ser analisado mais abaixo, trata-se de um incidente no meio da rua, envolvendo diversas personagens. Mesmo sendo ficção, é um simulacro da vida real (SILVA, 2017). Aqui a obra de arte parece ser realmente de caráter mimético.

Quando se diz que a ADE olha para seu objeto de modo abrangente, holístico, é necessário acrescentar que cada investigador tem que dirigir o foco para um aspecto microscópico dele, fazendo uso do método da focalização. Como proposto por Marx e Engels no início de *A ideologia alemã*, a LE/ADE parte do mundo real, no caso, de pessoas de carne e osso, vivendo e convivendo em determinado lugar, também real. Trata-se da sua dimensão natural, tecnicamente denominada ecossistema natural da língua. Mas, essas pessoas têm um cérebro e uma mente (dimensão mental) e convivem em sociedade (dimensão social). As AD tradicionais se atêm geralmente ao social, quando muito chegando ao mental. Geralmente ignoram solenemente a dimensão natural. A Sociologia dominante tem horror ao mundo real, com seus odores. Pois bem, a ADE leva os três em conta, sempre na medita do possível, é claro. Ela é de cunho biopsicossocial.

Como exige a Linguística Ecológica, é necessário distinguir as relações do objeto de estudo com seu entorno (sua exoecologia) das relações que se dão em seu interior (sua endoecologia). A LE/ADE é multimetodológica e multidisciplinar. A ecometodologia que ela segue, permite conciliar a visão macroscópica com a microscópica fazendo uso método da focalização (GARNER, 2004; COUTO, 2018). Por outros termos, ela consegue conciliar a visão holística do objeto, sua exoecologia, com a análise de partes específicas desse objeto, na visão microscópica, sua endoecologia.

No *site* da Linguística Ecológica há uma seção dedicada à ADE (www.ecoling.unb.br), com muito material de interesse para a área.

3.Contextualização: visão macroscópica da exoecologia do conto

Vejam um pouco da vida do autor de “Uma vela para Dario”, Dalton Jérson Trevisan. Ele nasceu em Curitiba em 14 de junho de 1925, onde vive até hoje (início de março de 2021) com seus 96 anos. Trevisan é tido como um dos grandes contistas brasileiros, assunto que tem sido bastante explorado no âmbito dos estudos literários.

O conto em questão foi publicado pela primeira vez em *Cemitério dos Elefantes* (Rio de Janeiro: Record, 1964) e passou a integrar diversas outras coletâneas posteriormente. Eu estou usando a versão que saiu em *Vozes do retrato: quinze histórias de mentiras e verdades* (São Paulo: Ática, 1991, p. 25-26). Trata-se de um miniconto de apenas duas páginas, com cerca de 640 palavras, número que pode variar conforme a edição. Como disse Waldman (1997, p. 139), Trevisan lança mão da “subtração que basicamente significa suprimir e ‘enxugar frase, trechos de contos, reescritos estes sistematicamente a cada nova edição”, pois ele “tem na mira o haicai”. O próprio autor disse certa feita que vai “do conto para o soneto e dele para o haicai”.

Trata-se de um conto típico de Dalton Trevisan. Além das inúmeras análises que lhe têm sido dedicadas no âmbito dos estudos literários, ele tem sido objeto de pelo menos dois curtas-metragens em 16mm, como o de Rodrigo Ferrari Caetano (1994) e o de Samantha Capdeville (1998).

Trevisan começou a dar vazão a suas inquietações literárias ainda como estudante secundarista, criando o jornal *Tingui* em 1940, publicado até 1943 e no qual publicou *Sonetos tristes* e *Visos*,

ambos em 1941, obras que parece que ele renegou. Em 1946, ele cria a revista *Joaquim*, que durou até 1948. Nesta revista publicou o livro, *Sete anos de pastor* (1946). Trata-se de duas juvenildades de Trevisan, como diz Carollo (1987). No ano anterior já havia publicado a novela *Sonata ao luar* (1945). Nove anos depois publicou *Guia Histórico de Curitiba* (1954) e *Crônicas da Província de Curitiba* (1954) em formato popular. Uma década depois trouxe a lume *Cemitério dos Elefantes* (1964), seguido de *Morte na Praça* (1965) e *Desastres do Amor* (1968). Nesse mesmo ano recebeu o Prêmio Jabuti, no I Concurso Nacional de Contos, promovido pelo Estado do Paraná.

Desde a década de cinquenta do século passado, Trevisan tinha o hábito de publicar sua produção em forma de folhetos, como se faz na literatura de cordel e, mais uma vez como este, retratando o meio em que vivia, no caso, a cidade de Curitiba. Mas, o livro que marcou sua vida de modo indelével é *O Vampiro de Curitiba* (1965). A tal ponto que o autor passou a ser chamado justamente de O Vampiro de Curitiba em parte devido ao seu temperamento arredio, recluso, avesso a entrevistas.

Trevisan continuou publicando. Entre as obras que vieram a seguir contam-se *A Guerra Conjugal* (1970), *Crimes da Paixão* (1978), *Ah, É* (1994), *O Maníaco do Olho Verde* (2008), *Violetas e Pavões* (2009), *Desgracida* (2010), *O Anão e a Ninfeta* (2011), entre outras. Em 1959 Dalton Trevisan foi agraciado com o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, por *Novelas Nada Exemplos*, que compilava cerca de vinte anos de produção literária. Dalton se dedicou quase exclusivamente ao conto. Ele só publicou um romance, *A Polaquinha*, em 1985.

Dalton Trevisan ganhou muitos outros prêmios. Um deles é o Prêmio Ministério da Cultura de Literatura, em 1996, pelo conjunto da obra. Recebeu ainda, juntamente com Bernardo de Carvalho, o I Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira, pelo livro *Pico na Veia*, em 2003. Um segundo foi o Prêmio Camões de 2012, em sua 24.^a edição. Este último é muito importante para os escritores de língua portuguesa por ser patrocinado por Brasil e Portugal, em conjunto. Um terceiro é o prêmio Clarisse Linspector da Fundação Biblioteca Nacional, em 2008, por *O maníaco do olho verde*.

O conto “Uma vela para Dario” em si é representativo das “mini-histórias” de Trevisan, que, como vimos, namora com o haicai. A seguir, vou falar do próprio conto, sua endoecologia.

4. Visão microscópica da endoecologia do conto

Nesta seção do artigo vou aproximar o foco diretamente no conto, a fim de avaliá-lo endoecologicamente, ou seja, sua interioridade. Para tanto, faz-se necessário focar primeiro em sua tessitura, como ele é organizado, enfim, o texto, o que será feito na primeira subseção. Na segunda falarei do discurso propriamente dito. Texto e discurso não são entidades cartesianamente separadas. Eles fazem parte de um todo, pois todo discurso vem materializado em um texto assim como todo texto contém algum discurso, motivo pelo qual a ADE sugere o composto “texto-discurso”. Se não contiver discurso, não será texto; se for discurso, está em um texto. Eles são as duas faces da mesma moeda. No entanto, para efeitos operacionais, de análise, pode-se dirigir o foco ora para um deles, ora para o outro, mas sempre mantendo em mente o que diz o método da focalização (SILVA, 2020). Por exemplo, quando o operador de uma câmera aproxima o foco e faz um *close*, é possível ver detalhes do rosto de uma pessoa na arquibancada de um estádio de futebol. Porém, todas as demais pessoas continuam lá, mesmo que momentaneamente não estejam sendo vistas (não estejam no foco). Tanto que basta recuar a câmera para que fiquem visíveis de novo (GARNER, 2004, p. 202). Olhar para o conto partindo da perspectiva da ADE é um procedimento bastante semelhante.

4.1. O texto

Quando encarado como parte de uma interação comunicativa e não como mero produto dela – com o que seria um artefato, uma mercadoria –, o texto é a face material do texto-discurso, aquilo de que o falante (ou escritor) se utiliza com o objetivo de levar o ouvinte (ou leitor) a entender o que ele quis dizer. Ele é o ponto onde se entrecruzam diversas relações na rede de interações que se dão na ecologia da interação comunicativa. Ele é um nó nesses entrecruzamentos. Esse nó pode ser o objeto de uma focalização provisória, mas apenas provisória, para efeitos de análise microscópica. Feito isso, a câmera recua e mostra o processo total. Trevisan faz com que tudo no texto se entreteça, se inter-relacione, de uma forma ou de outra. Dessa perspectiva, o texto que revela o discurso em questão é uma rede de inter-relações, inextricavelmente imbricadas nas inter-relações do respectivo discurso.

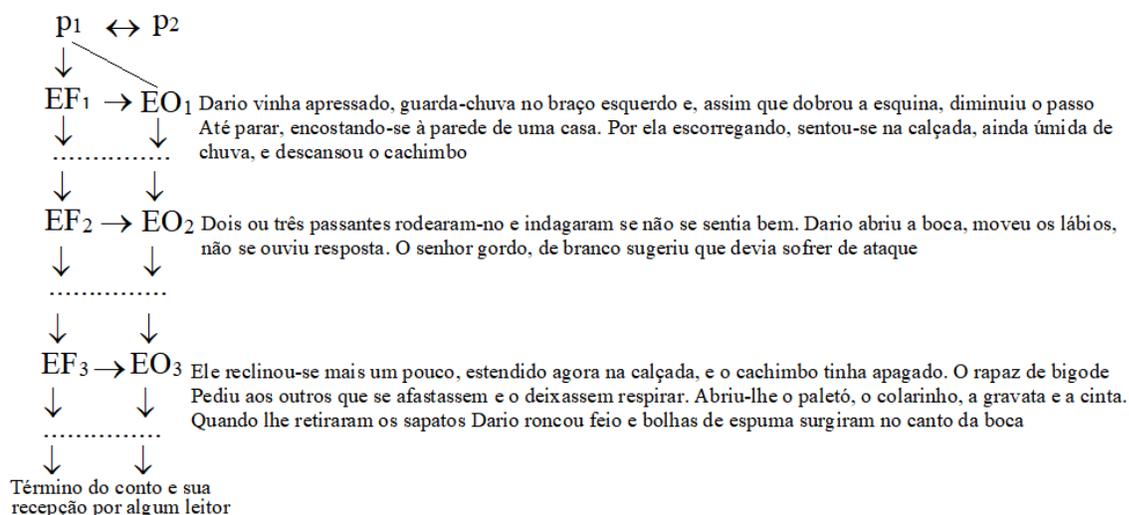
Pelo fato de a interação comunicativa ser o núcleo da linguagem, e pelo que acaba de ser dito, o texto monológico não é sua manifestação linguística prototípica, mas sim o texto dialógico. Na verdade, texto é um artefato, como outros artefatos culturais imateriais (COUTO, 2017). Porém, como essa teoria olha para seu objeto de estudo holisticamente, ela não exclui esses textos. Mais, indo além das AD tradicionais, ela não exclui nenhum tipo de texto, como se pode ver na pouca literatura já disponível. Em Couto; Couto; Borges (2015), por exemplo, temos tentativas de análise de um longo diálogo gravado ao vivo entre um professor e o pai de uma aluna na zona rural de Minas Gerais, de um texto científico (sobre Gramática Gerativa) e até de um silogismo, tipo de texto de que, que eu saiba, nenhuma teoria de AD tradicional tratou.

De texto-discurso científico temos pelo menos a análise feita por Halliday (1990), embora ele tenha procurado ver nele justamente aspectos que eventualmente permitiam uma leitura política, como fazem as AD tradicionais. E é o que Halliday fez. Mas, no próprio livro de 2015, encontram-se outras tentativas de análise. São elas: o discurso da empresa Agrocerec, o de uma tese de doutorado comentando o discurso do Jornal Nacional (Rede Globo) sobre a usina de Belo Monte, o da questão “invadir *versus* ocupar” pelo MST analisada em um livro de AD, o da crueldade da criação industrial de porcos, o dos meninos de rua, do excerto de um diálogo maior (p. 118-120), excerto esse que foi objeto de todo um capítulo em Couto (2021, p. 123-134).

Como se pode ver em Couto; Couto (2019), da perspectiva da interação comunicativa, textos aparentemente monológicos como este devem ser considerados em dois momentos, se nos apoiarmos em ideias de Mikhail Bakhtin e Émile Benveniste. O primeiro momento é o de sua criação pelo escritor, em que há diálogo entre ele e seu alter-ego. O segundo é o da recepção do texto-discurso por leitores, comentaristas ou críticos, momento em que se tem pelo menos um simulacro (SILVA, 2017) da interação comunicativa prototípica.

Partamos da tese de que toda asserção é resposta a uma pergunta, mesmo que tácita (MAAS, 1977, p. 145, 155-156). Seguindo a proposta de Bakhtin (1981) de que os parágrafos seriam um tipo de “réplicas” de um diálogo e cindindo o escritor em “eu falante” e “eu ouvinte”, de acordo com a proposta de Benveniste (1989), em “Uma vela para Dario” teríamos um fluxo interlocucional *sui generis*, diferente dos prototípicos, como o apresentado em Couto; Couto (2019, p. 44). É diferente até do diálogo entre “eu falante” (EF) e “eu ouvinte” (EO) de um texto-discurso tido como monológico, apresentado na página 45 desse artigo. Aplicado ao conto de Trevisan, teríamos o que se mostra para os três primeiros parágrafos como se pode ver a seguir.

ECO-REBEL



No momento de criação do texto, o leitor (p₂) não está presente, motivo pelo qual o escritor (p₁) se cinde em “eu falante” (EF) e “eu ouvinte” (EO). No fluxo interlocucional do autor com seu alter-ego, as réplicas deste último não aparecem, o que está representado por reticências. Só num segundo momento, quando ocorre o término do conto e ele é recebido por algum leitor, p₂ pode entrar em ação, embora esse momento não esteja mostrado no fluxo.

No interior do conto, quase todas as interações se dão em silêncio, não verbalmente. Só quase no meio do conto uma “velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo” (uma exclamação), mas não há resposta verbal; logo em seguida, o motorista do táxi pergunta “quem pagará a corrida?”, “concordam em chamar a ambulância”; “alguém informa da farmácia na outra rua”; “um terceiro sugere lhe examinem os papéis”; “A última boca repete – *Ele morreu!*” (outra exclamação).

Por olhar para a vida real, nua e crua, a linguagem do texto é bastante enxuta. As frases são curtas, sem muitas subordinadas ou orações relativas. Há poucos adjetivos; as exceções visam a salientar que quem mais teve compaixão pelo sofrimento de Dario foram uma “velhinha de cabeça grisalha”, um “senhor gordo”, um “menino de cor e descalço”, ou seja, pessoas que de alguma forma fogem do comum. As orações são curtas, os períodos e parágrafos são curtos e sempre vazados em uma linguagem coloquial, sem termos especiosos.

Os verbos de ação estão todos no presente do indicativo, não no pretérito, que é o tempo narrativo mais comum. O presente do indicativo sequer é o “presente histórico” das gramáticas expositivas, em que ele é usado em lugar do pretérito. Parece que o autor está fazendo uma descrição objetiva de algo que está vendo.

A propósito de “Debaixo da ponte preta”, outro texto de Trevisan, Waldman (1997, p. 141-145) disse que na obra de Trevisan “evita-se a oração subordinada, e vai-se delineando a oração nominal como uso predileto do autor” (141). Parece que ele gostaria de escrever “ministorias” como se fossem “haicais” em prosa, termos que ele mesmo usou. Waldman continua dizendo que Trevisan apresenta “*flashes* do cotidiano em estado bruto” (143), com um “minimalismo de forma”. Do ponto de vista da relação linguagem-mundo, há uma outra asserção muito interessante dessa crítica. De acordo com ela, “Daltan procura fazer com que o que ele diz seja presença da coisa e não discurso *sobre* a coisa”. Assim, Trevisan diverge daqueles escritores que valorizam mais os malabarismos, acrobacias e pirotecnias verbais do que os problemas da vida das pessoas em seu meio natural. Mas, isso não significa que ele deixe a forma inteiramente de lado. Tanto que “nos seus melhores contos o método é francamente poético”. Assim, “atrás da narrativa, a poesia; atrás

da poesia, a narrativa”, mesmo que “sua independência em solo crítico-alegórico [esteja - UMF] fora de qualquer programa de grupo pré-estabelecido”. O fato é que “um certo coloquialismo [.....] dá o tom geral”. Trevisan faz uso da “prática hiper-realista de transferir para o texto linguagens prontas, *ready mades*, clichês que vêm do mundo da experiência cotidiana”. Tudo isso pode ser visto também em “Uma vela para Dario”.

A “introdução” se dá sem nenhuma preparação, mas captando algo acontecendo na rua, com um rápido “desenvolvimento” e uma “conclusão” em suspenso, sem *happy end*. De qualquer forma, a narrativa obedece a uma sequência lógica, não há antecipação nem postergação de cenas/episódios, mas uma sequência lógico-natural, da vida como ela é. Por estar intimamente ligado ao objeto, como veremos com Waldman mais abaixo, há coerência e coesão textuais. Passemos ao discurso por trás desse texto.

4.2. O discurso

Existem inúmeras definições do termo ‘discurso’. Para o que interessa no presente contexto, podemos dizer que discurso não passa daquilo que o autor quis dizer ao produzir o texto mais aquilo que os leitores reais e potenciais veem nele. O que acontece no conto em tela? Dito de outro modo, que sentidos e significados estão embutidos nesse texto? Abramos as cortinas a fim de vermos o que acontece no cenário em que a ação se desenrola, com tudo que lhe diz respeito: lugares, pessoas, objetos, ações, atitudes individuais, valores sociais etc.

Como é comum na obra de Trevisan, o conto mostra um instantâneo da vida na cidade, aquilo que em inglês se chama *footage* que, mais do que um único fotograma em filme antigo corresponderia ao que se chama sequência, ou sequência de fotogramas. Não se sabe o que veio antes do momento inicial, em que “Dario vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo” e depois que “o toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair”, última frase do conto.

O que temos é um acontecimento *sui generis* na rua que se torna o *leitmotiv* de tudo que se passa no conto: todas as interações e ausência de interação se dão em função desse acontecimento, um transeunte que de repente se sente mal, “diminui o passo até parar, encosta-se a uma parede”. O mal era tão intenso que ele “por ela (a parede - UMF) escorrega, senta-se na calçada” e “descansa na pedra o cachimbo”, o último ato consciente que praticou, pois, logo em seguida começou a agonizar e acabou morrendo. O que acontece depois é uma amostra do que se vê quando alguém precisa de ajuda nas ruas das grandes cidades.

Muitos curiosos se aglomeram em volta dele, outros espiam pela janela, como as “crianças de pijama”. Subitamente, “a velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo”. Alguns tentam colocá-lo em um táxi para lhe prestar socorro, mas o taxista deseja saber quem vai pagar a corrida e, diante do silêncio, recusa-se a levá-lo. Outros pensam em levá-lo até a farmácia, mas, como ele é “muito pesado”, largam-no “na porta de uma peixaria” com o que ele fica coberto de moscas.

Se todo mundo que viu a cena agisse como recomenda a Ecologia Profunda, teriam intervindo o máximo possível para amenizar o sofrimento de Dario ou, se isso já não adiantasse mais nada, pelo menos para resguardar sua dignidade, não o deixando ao relento, sob a chuva, próximo a uma peixaria e coberto de moscas. A autorrealização pessoal aqui falou mais alto do que o dever de interferir em prol da vida e contra o sofrimento evitável.

Dario devia ser bem de vida. Infelizmente, porém, quando se viu caído anônimo na rua, enfartando, era como qualquer morador de rua que luta pela sobrevivência no mundo “natural”. Na situação em que se encontrava, de nada servia sua presumível boa situação social. Nesse momento o que vale é a luta pela vida. Não é para menos que Couto (2015) publicou um pequeno texto demonstrando que “Todos são iguais perante a natureza”. Ela não faz distinção entre os que têm

ECO-REBEL

foro privilegiado (presidente da república, deputados, ministros etc.). Para ela não há privilégios, muito menos imunidade que, na verdade, é impunidade.

Nesse nível de luta selvagem pela vida, acontecem coisas que, para o senso comum são horrendas. Por exemplo, já no início da agonia de Dario, vão sumindo pouco a pouco o guarda-chuva, o cachimbo, os sapatos, “o alfinete de pérola na gravata”, sinal de que era bem de vida. Pouco depois, desaparece “o relógio de pulso”, “os bolsos vazios” mostram que alguém deve ter furtado tudo que ele tinha de valor neles, especialmente dinheiro, mas também a “aliança de ouro, que.... só destacava molhando no sabonete”. Alguém deve ter forçado a barra para tirar o anel do dedo da vítima.

A solidariedade para com o enfartado e moribundo Dario é mínima. Como já visto, os que se condoem do enfartado são a “velhinha de cabeça grisalha”, um “senhor gordo” e um “menino de cor e descalço”, vale dizer, pessoas que para a sociedade pertencem a algum tipo de minoria, quer concordemos com isso, quer não. No final, não há nenhuma solidariedade, a ponto de o cadáver ser deixado exposto na rua sob a chuva.

Em Fernandes (2021) eu falei em sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo, salientando que dor existe basicamente no nível físico, natural; no mais seria apenas metaforicamente. O sofrimento pode ser físico, mental ou social (toda dor é sofrimento, mas nem todo sofrimento é dor). Certamente, o enfarte de Dario deve lhe ter causado um sofrimento muito grande, uma dor lancinante. Não obstante isso, o envolvimento dos presentes para ajudá-lo ficou longe do satisfatório. O taxista, por exemplo, estava mais preocupado com o lado econômico do que com o sofrimento do enfartado. Frequentemente há uma ausência de compaixão na sociedade moderna pelo sofrimento alheio, insensibilidade, um não querer se envolver.

A Ecologia Profunda defende a ideia de que todo ser vivo está sempre à procura da própria autorrealização, ou seja, daquilo que lhe faz bem, que ajuda a manter sua vida como ser vivo. Mas, a realidade da natureza é crua (*crudus* < latim). A natureza é indiferente a tudo, e Trevisan enfatiza bastante esse lado nu e cru da vida como ela é. Na natureza não há os valores sociais. Quando a vida natural dos indivíduos os faz procurar pelo que lhes é mais favorável, muitos deles podem cometer atos (ou deixar de cometer) que para a dimensão social da vida é considerado violento, cruel, insensível, sem compaixão. Na atualidade, há pessoas que cometem crimes com requinte de crueldade, coisa que entre os animais não humanos é incomum ou quase ausente.

Sabemos que a vida humana pode ser encarada de três perspectivas: natural, mental, social. Na obra de Trevisan parece prevalecer a primeira, mesmo quando fala de problemas sociais. Ele fala desses problemas sem subterfúgios. Ora, na natureza não existem ideias como as de honradez, honestidade, sensibilidade, compaixão etc. Ela é inteiramente governada por leis naturais, físicas. Ela é indiferente a tudo. Ironicamente, todos que se aproximaram de Dario deitado na rua ignoraram princípios deontológicos de grande valor na vida social. Tudo isso mostra que os humanos estão muito longe de ser os reis da criação, como queria Protágoras entre os gregos.

Uma prova de que Trevisan fala da vida ao natural é que ele não toca diretamente na questão do bem e do mal, do que é visto como bom ou como ruim pela sociedade. Ele simplesmente mostra o lado natural da vida. Por isso, as cenas que o leitor e/ou o crítico veem nas suas descrições para a sociedade são tidas como cruzeza, crueldade, maldade, desonestidade, falta de compaixão etc. A vida como ela é. Por outras palavras, Trevisan mostra o lado que a sociedade deseja evitar – ou escamotear –, o lado cru, cruento, cruel, insensível, impiedoso, sem os freios ou limites sociais (psicossociais), assim como Nelson Rodrigues mostra o lado libininoso-perverso das pessoas.

Há algumas exceções à indiferença ou falta de compaixão pelo sofrimento de Dario. Enumeremos algumas delas: 1) “Dois ou três passantes à sua volta indagam se não está bem”, mas “Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta”; 2) “A senhora de cabeça grisalha grita que ele está

morrendo”. Por isso era praticamente impossível defender a vida de Dario. Mas, como ela já estava se esvaindo, pelo menos tentar aliviar o sofrimento da passagem, de cujo destino ninguém retornou para dizer como é. É bem verdade que “o rapaz de bigode pede aos outros se afastem e o deixem respirar. Abre-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta”. É verdade também que “um senhor piedoso dobra o paletó de Dario para lhe apoiar a cabeça. Cruza as suas mãos no peito” e que “um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver”. Infelizmente, porém, ninguém se engaja na causa para valer, não quer se envolver. Eles intervêm até certo ponto, pois, como se vê no final do conto, o corpo é literalmente largado às moscas, debaixo de chuva. De todos que intervieram ou deixaram de intervir até certo ponto, quem menos poderia ser inculpado é justamente o menino, que, além de pobre – estava “descalço” – era criança. Como tal, as medidas que se faziam necessárias estavam além de sua capacidade.

Seguindo a proposta de intervenção da Ecologia Profunda, a ADE sugere a seus praticantes que lutem em prol da vida e contra sofrimento evitável. No caso, o sofrimento era inevitável, pois o enfarte se devia a causas anteriores ao cenário em que a história se passa. Sequer foi possível salvar a vida de Dario, pois não havia médicos entre os que se aproximaram dele quando agonizava. Porém, ninguém se envolveu para valer e acompanhou o enfartante até um pronto socorro. O que é pior, já no final, com Dario já morto, abandonaram seu corpo na rua.

5. Observações finais

Existem outras versões da Ecolinguística que se preocupam com a vida não humana, como a praticada por Arran Stibbe. O que ele faz é muito bem-vindo. No entanto, ele praticamente só defende a vida dos animais não humanos, com o que exclui os humanos de suas preocupações (STIBBE, 2015). A ADE é mais abrangente, seguindo a Ecologia Profunda, cujos seguidores frequentemente ouvem a pergunta: “Eles não são muito mais amigos dos animais do que dos humanos?”, vale dizer, não seriam eles misantropos? De acordo com Arne Naess, “a resposta consiste em que seja lá qual for a intensidade de sua luta pelos animais, ou pela vida selvagem, eles reconhecem a obrigação especial que têm pelos humanos”. Isso porque “o que procuramos não é uma mudança de cuidado de humanos para não humanos, mas uma extensão e aprofundamento de cuidado para com ambos” (NAESS, 1992). Embora Stibbe fale em Ecologia Profunda, em geral ele não inclui em suas preocupações os humanos que sofrem. Pois bem, a ADE se preocupa com a vida na face da terra em geral, o que inclui a vida humana e a não humana, de todos os seres vivos e até dos não vivos.

A Ecocrítica (GLOTFELTY; FROMM, 1996), praticada pelo pessoal da Literatura que se interessa por questões da natureza, tampouco é abrangente como a ADE. Com efeito, ela está preocupada é com “o estudo das relações entre literatura e meio ambiente físico”, como diz Glotfelty na Introdução, não direta e explicitamente com a defesa da vida. Ela acrescenta que “assim como a crítica feminista examina a linguagem e a literatura da perspectiva da consciência sobre gênero, e a crítica marxista enfatiza os modos de produção e a questão de classe econômica na leitura dos textos, a ecocrítica assume uma postura terrocêntrica nos estudos literários” (GLOTFELTY, 1996, p. xviii). Vale dizer, não há uma ênfase na vida na face da terra, mas no meio ambiente físico. Para a ADE a ênfase na vida é o busílis da questão.

Por fim, gostaria de acrescentar que o capítulo 5 da Parte II de Couto; Fernandes (2021) é dedicado à análise de “Uma morte para Dario”. Porém, as autoras abordaram o conto de uma maneira bastante diferente da que tentei fazer aqui. Elas se utilizaram talvez em demasia de conceitos de outras teorias sem necessariamente levar em conta como se pratica multidisciplinaridade adequadamente. Mas, é uma boa abordagem do assunto, abordagem que pode complementar a que tentei apresentar no presente artigo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1981, 2ª ed.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. Tingui: um capítulo das juvenilidades de Dalton Trevisan. *Revista letras* n. 36, 1987, p. 260-272.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v36i0.19268>

COUTO, Elza; FERNANDES, Eliane. *Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática*. Brasília: PPGL/UnB, 2021, e-book disponível em

<http://www.ecoling.unb.br/publicacoes/livros/e-books>

COUTO, Hildo H. do. Todos são iguais perante a natureza. *Ilinguagem e Glotopolítica* 17/08/2015. Disponível em:

<http://ilinguagem.blogspot.com/2015/08/todos-sao-iguais-perante-natureza.html>

_____. Notas sobre o conceito de texto em linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 3, n. 2, 2017, p. 22-36. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9677/8545>

_____. A metodologia na linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 4, n. 2, 2018, p. 18-33. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835>

_____. Discursística. *Ilinguagem e glotopolítica*, 2020a. Disponível em:

<http://ilinguagem.blogspot.com/2020/03/discursistica.html>

_____. Análise do Discurso Ecossistêmica –ADE. *Árboles y rizomas* v. 2, n. 2, 2020b, p. 1-14 (Universidad de Santiago de Chile). Disponível em:

<http://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/rizomas/article/view/4634/26003658>

<https://doi.org/10.35588/ayr.v2i2.4634>

COUTO, Hildo. *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica*. Campinas: Pontes, 2021.

COUTO; Hildo; COUTO, Elza. 2019. Uma leitura ecolinguística de “Se eu quiser falar com Deus” de Gilberto Gil. *ECO-REBEL* v. 5, n. 2, 2019, p. 40-53. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27661/23798>

COUTO; Hildo; COUTO, Elza; SILVA, Anderson. Ecosystemic discourse analysis. *ECO-REBEL* v. VI, n. 1, 2021, p. 5-17. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36017/29022>

COUTO; Hildo; COUTO, Elza; BORGES, Lorena. *Análise do discurso ecológica - ADE*. Campinas: Pontes, 2015.

FERNANDES, 2020a. “Mas ele não é corrupto”. *Boletim do GEPLÉ* 3, 2020a. Disponível em:

<http://www.ecoling.unb.br/images/numero3.pdf>

_____. “But he is not corrupt”: Not being corrupt justifies any delinquency and crime. *ECO-REBEL* v. 6, n. 4, 2020b, p. 73-77. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/35675/28326>

_____. 2021. Notas sobre sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo, na análise de discursos pela ADE. *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, 2021, p. 46-53. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36698/29027>

GARNER, Mark. *Language: an ecological view*. Berna: Peter Lang, 2004.

GLOTFELTY, Cheryl; FROMM, Harold (orgs.). *The ecocriticism reader*. Athens: The University of Georgia Press, 1996.

ECO-REBEL

- HALLIDAY, Michael. New ways of meaning: *The challenge to Applied Linguistics* 6, 1990, p. 7-36.
- _____. *Halliday's introduction to functional grammar*. Londres: Routledge, 2014, 4ª. ed.
- MAAS, Utz. Sprachliches Handeln I: Auffordern, Fragen, Behaupten. *Funk-Kolleg 2: Sprache*. Frankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag, 1977, p. 144-157, .
- MARTIN, James R. Positive discourse analysis: Solidarity and change. *Revista canaria de estudios ingleses* n. 49, 2004, p. 179-200.
- _____. Vernacular deconstruction: Undermining spin. *DELTA* v. 22, n. 1, 2006, p. 177-203.
- NAESS, Arne. Deep Ecology for the 22th century. *The trumpeter* v. 9, n. 2, 1992. Disponível em: <http://trumpeter.athabascau.ca/index.php/trumpet/article/view/432>
- SILVA, Anderson Nowogrodzki da. A criação de simulacros sobre o ecossistema linguístico: a comunicação virtual em jogos de RPG e MMORPG. *ECO-REBEL* v. 3, n. 2, 2017, p. 49-68.
- SILVA, Márcio M. S. Coronavírus, ideologias e Análise do Discurso Ecolinguística. *ECO-REBEL* v. 6, n. 2, p. 2020, p. 90-106. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>
- _____. Um estudo dos discursos do ex-capitão Jair Messias Bolsonaro pela Análise do Discurso Ecolinguística. *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, 2021, p. 18-34. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36696/29025>
- SILVA; Márcio M. S.; FERNANDES, Ubirajara M. ADE, vida na face da terra e coronavírus, *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, 2021, p. 35-45. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36697/29026>
- STIBBE, Arran. *Ecolinguistics – Language, ecology and the stories we live by*. Londres: Routledge, 2015.
- WALDMAN, Berta. Mínimo múltiplo: do conto ao haicai de Dalton Trevisan. *Letras* (UFSM), janeiro/junho de 1997, p. 139-149.

Aceito em 15/02/21.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 2, 2021.